

GERALDO FORBES

O Congresso apresta-se a votar a emenda constitucional convocando a Assembléia Constituinte, que na verdade seria nada mais nem menos do que o próximo Congresso ordinário travestido em Constituinte.

Em todo o país, aumentam de número e freqüência os pronunciamentos contrários a tal projeto. Quer-se a Constituinte, mas não se quer o engodo proposto por um presidente transitório e temeroso de sua sorte, que só conta com o fisiologismo de deputados e senadores para aprovar o seu plano contra a vontade da maioria da sociedade. Esta quer e reclama uma Constituinte desvinculada do Congresso.

O relator deputado Bierrembach que ainda estes dias recebeu mais manifestação, desta vez dos mais importantes advogados de São Paulo contrária ao esquema presidencial, preparava-se para fazer constar de seu parecer a rejeição da cidadania e as suas sugestões. Negativo. O governo informa que não modifica os seus termos.

Trocando em miúdos, isto parece querer dizer: primeiro que a opinião do dr. Sarney é soberana e insusceptível de ser modificada pelo legislativo; segundo — que a sorte do dr. Sarney e seus interesses pessoais combinados com de deputados e senadores fisiológicos superam o interesse maior de 120 milhões de brasileiros e terceiro — que o Congresso está aí só para chancelar os atos da vontade do presidente tal qual nos saudosos anos de nossa ditadura.

O fato é que a campanha de repúdio à simbiose Congresso Constituinte já é enorme e irreversível, de tal forma que qualquer tentativa de ignorar o sentimento generalizado contrário à tramóia Sarneyzista e dos mandarins equivalerá à ruptura do vínculo de representação entre os representantes e os representados e será a causa-mortis da "maranhense" em gestação. Se vier ela, ainda assim, a ver a luz do dia já se sabe que, rejeitada pelo tecido social, praticamente natimorta, terá vida efêmera e desgraçada.

A insistência do presidente em seu projeto configura um verdadeiro e arrogante desafio à vontade popular e revela por inteiro a mesquinhez da causa de sua obstinação — o seu pequeno interesse pessoal em evitar qualquer possibilidade de encurtamento do mandato que em má hora o acaso impiedoso, e só ele, outorgou-lhe.

Ocorre que os que pedem uma verdadeira Assembléia Constituinte, representativa se proporcional à população e autônoma se desvinculada do mandarinarismo político, muito mais gran-

diosos e patriotas do que o presidente lutam por uma idéia, lutam por uma lei maior, moderna e duradoura, que possa ser a base sólida da reconstrução e do progresso do País. Então de um lado temos as ostras agarradas ao casco do Estado defendendo na verdade seus empregos, sinecuras e vantagens, do outro, o resto do País propugnando uma Constituição elaborada por homens bons, instruídos e desinteressados de tudo que não seja o bem da Nação. Lembra o confronto Brasil contra Figueiredo e Maluf.

O dr. Sarney assustado pede a seus amigos que o defendam. Estes não faltam. José Sarney certamente é um homem amável e querido pelos que o cercam. Há os que chegam ao delírio como o estimado Josué Montello, acadêmico fraterno, maranhense, candidato a embaixador, cujo artigo desta semana elevava o pronunciamento absolutamente chinfrim na ONU à categoria de obra superior da retórica e da literatura. Pesa-me informar ao sr. Montello a real impressão causada pelo dr. Sarney em Nova York — um membro proeminente do Council of Foreign Relations aonde também falou o presidente, disse ter sido ele o mais medíocre visitante daquela casa nos últimos dez anos. O resto é confete de jornalista convidado, e lança perfume dos membros da honorável SEM — Sociedade do Elogio Mútuo — maçonaria com sede no Rio de Janeiro, e muitas lojas nas paragens tupiniquins.

Outro amigo que acorre em defesa do projeto presidencial é o decano dos colunistas políticos, o excelente Carlos Castello Branco. Em sucessivos artigos o Castellinho chama a mobilização popular anti-simbiose de "estranha" (termo muito revelador do estado de espírito do Planalto), acoima os líderes da rejeição de radicais, irresponsáveis (subversivos?) e chega à conclusão, desculpável, risível da impossibilidade de uma Constituinte independente por falta de prédio para abrigá-la.

Pobre Brasil, por falta de local vai ser inconstitucional. A rima é forçada e ridícula como o argumento. Só em São Paulo (para os que moram em Brasília: capital do Estado de São Paulo) há bem uns dez prédios que podem ser requisitados para sediar a Constituinte. E que ela venha a se reunir aqui, na região mais culta e adiantada do Brasil e ser influenciada pelos nossos ventos de dinamismo e modernidade, não é má idéia.

O acadêmico Castello Branco em outro trecho, um pouco melhor, diz que "o problema básico (Constituinte autó-

noma) do ponto de vista jurídico e histórico está em saber quem dispõe do poder de fazer tal convocação". Bem, o ponto de vista histórico não creio que importe não sendo o nosso direito costumeiro. Importa a visão do futuro e não o ponto de vista do passado, repleto de fracassos. Quanto ao lado jurídico a resposta é óbvia — só o povo tem poder de convocar uma Constituinte. Para fazê-lo, é fácil: submete-se um projeto de convocação a plebiscito. Ou, ainda, mais simples: convocam-se os eleitores a eleger representantes à Assembléia Constituinte por sufrágio não obrigatório — se metade mais um dos eleitores votar, entende-se referendada a instalação da Constituinte.

Fórmulas, mestre Castello, há muitas, falta é a boa vontade e a boa fé da fechada corporação dos políticos profissionais, que têm como paradigma o sr. José Ribamar Sarney.

As esperanças da Nação voltam-se agora para o dr. Ulysses, campeão de nossas recentes e memoráveis jornadas cívicas. Infelizmente parece que o espírito da casta e essa, sim, estranha inclinação dos políticos brasileiros para tutelar o povo, como se fosse este estúpido e dependente de suas luzes superiores, pode levar o nosso mais respeitado líder a abandonar-nos por razões de "corporação política" hoje clara e francamente antagônicas às razões de Estado e mais ainda, aos desejos de todos nós.

Já tem o velho deputado paulista muitas horas decisivas em sua longa carreira de serviços públicos, por vezes, esteve perto do poder supremo mas soube com grande dignidade, despreendimento e patriotismo, submeter suas aspirações ao interesse nacional. Somos-lhe gratos por isto.

Talvez quisesse o destino, urdindo suas teias, guardá-lo para outra tarefa. Aprofunda-se o fosso que separa o povo do Congresso. Ameaça tornar-se intransponível se este acolher a proposta Sarney, repudiada pela cidadania consciente. O País e a democracia não resistirão ao descrédito e ao desprezo desde já votados a futura Constituição.

Chega finalmente a verdadeira hora e vez de Ulysses Guimarães. Da sua vontade, unvida com o respeito que lhe devotamos, e de sua fidelidade aos princípios maiores, depende o destino do País.

Só a sua oposição ao plano presidencial é capaz de impedir o desastre, e de repor a questão Constituinte nos termos aceitáveis pelo povo — Assembléia Autônoma eleita pelo voto proporcional.